

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Azevedo, Gislane Campos

História em movimento : ensino médio / Gislane Campos Azevedo, Reinaldo Seriacopi. -- São Paulo : Ática, 2010.

1ª impressão da 1. ed.

Obra em 3 v.

Conteúdo: V. 1. Dos primeiros humanos ao Estado moderno -- v. 2. O mundo moderno e a sociedade contemporânea -- v. 3. Do Século XIX aos dias de hoje.

Bibliografia.

1. História (Ensino médio) I. Seriacopi, Reinaldo. II. Título.

10-02651

CDD-907

Índices para catálogo sistemático:

1. História : Ensino médio 907

A civilização chinesa

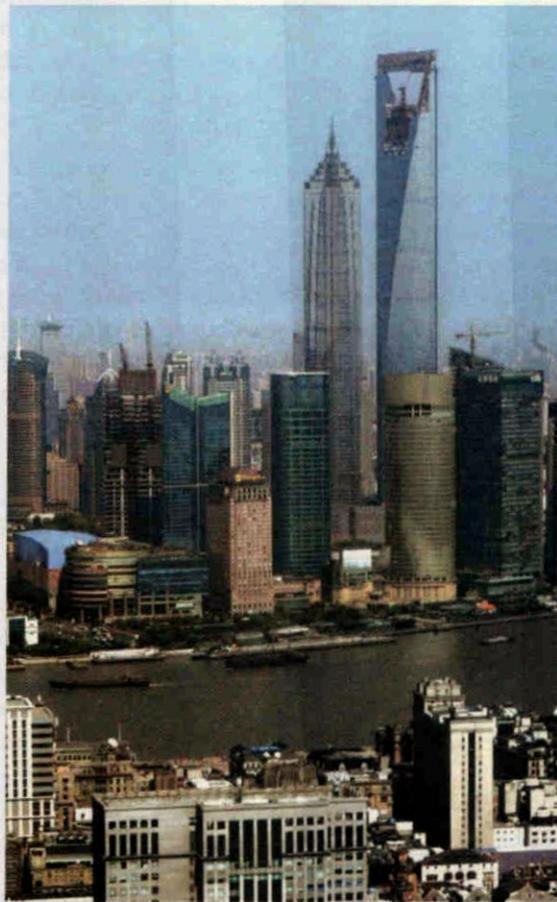
ALTREND / GETTY IMAGES

A cidade de Xangai, na costa leste da China, sediará, entre maio e outubro de 2010, a *Expo Xangai 2010*. Considerada um dos principais eventos do calendário internacional, a exposição contará com a presença de representantes de países do mundo inteiro, que mostrarão suas novidades nos campos científico, tecnológico e industrial.

Até meados de 2008, mais de 40 bilhões de dólares já haviam sido investidos no aperfeiçoamento da infraestrutura da cidade. Essa reforma urbanística, assim como as reformas realizadas em Pequim para as Olimpíadas de 2008, revelam o esforço do governo chinês em mostrar ao mundo a potência em que a China se transformou.

Há várias décadas, a economia chinesa vem apresentando índices de crescimento surpreendentes. Alguns analistas acreditam que até 2025 seu Produto Interno Bruto (PIB, soma de todas as riquezas produzidas em um ano) será o maior do mundo, superando até mesmo o dos Estados Unidos.

Neste capítulo estudaremos a China na Antiguidade.



ZHANG MINGXINHUA / PRESSCORBIS/ATWISTOCK

Torres e arranha-céus do Lujiazui Financial and Trade Zone da cidade de Xangai, no sudeste da China, em foto de abril de 2008. Expressão do rápido crescimento da China entre as últimas décadas do século XX e o começo do século XXI, esse centro começou a ser desenvolvido em 1990. Dezoito anos depois, ele fez de Xangai um polo comercial e financeiro de importância internacional.

1 A formação da China

Segundo pesquisadores, os primeiros grupos humanos a se fixar em áreas que hoje fazem parte do território da China teriam chegado ali há cerca de 30 mil anos. Por volta de 7000 a.C., surgiram na região as primeiras aldeias à margem dos rios. Nesses povoados, teve início a prática da agricultura, principalmente o plantio de arroz.

Foi no vale do rio Amarelo, no norte da China, que a agricultura mais se desenvolveu. Isso levou à formação de muitas comunidades. Aos poucos, esses povoados se transformaram em pequenos Estados governados por chefes cujo poder era transmitido por meio de laços familiares. Por volta de 2200 a.C., um dos chefes, Yü, o Grande, unificou os pequenos Estados, tornando-se rei. Com ele, teve início a dinastia Xia, a primeira da história da China.

Os governantes Xia construíram muralhas ao redor das cidades e organizaram um exército equipado com armas de bronze. Dominando uma área de aproximadamente 1 600 km², os Xia reinaram até o século XVIII a.C., quando foram derrubados pelos Shang, que fundaram uma nova dinastia.

As dinastias Shang e Zhou

Sob a nova dinastia, o território chinês passou a ter 100 000 km² de área. Os Shang governaram até o final do século XI a.C. Durante esses sete séculos, a China viveu uma era de florescimento cultural, com a criação de uma escrita primitiva – conhecida como *Yinxu* – que originou a atual escrita chinesa, feita com ideogramas.

Em 2003, cientistas chineses e norte-americanos encontraram em território chinês uma carapaça de tartaruga de 9 mil anos gravada com inscrições muito semelhantes à escrita *Yinxu*. Os pesquisadores acreditam que esse seja o mais antigo rudimento de escrita da história da humanidade já encontrado até o momento.

Durante a dinastia Shang, os chineses desenvolveram um calendário com 365 dias, passaram a utilizar conchas como dinheiro, criaram instrumentos musicais, como tambores e sinos, e descobriram a técnica de fabricar tecidos de seda a partir dos casulos do bicho-da-seda. Os chineses da Era Shang acreditavam em vários deuses, consultavam oráculos e faziam sacrifícios humanos e de animais em nome dessas divindades.



Sob a dinastia Shang, a China conheceu um período de esplendor artístico, como mostra esse pequeno vaso de bronze. Esculpido na forma de elefante, ele foi delicadamente decorado com alto-relevos.

Os Shang governaram até 1122 a.C., quando foram derrubados por um rei vizinho que deu início à dinastia Zhou. Seguiram-se então duzentos anos de tranquilidade. A partir do século IX a.C., os grandes proprietários de terra e os pequenos estados sob seu controle tornam-se mais poderosos, enfraquecendo cada vez mais o poder real.

Os Reinos Combatentes

A partir do século V a.C., os reinos de Chu, Yan, Qi, Zhao, Han, Wei e Qin passaram a disputar a hegemonia da China. Teve início então um período de lutas que se estendeu de 475 a 221 a.C. Foram anos de tamanha violência que ficaram conhecidos como *Período dos Reinos Combatentes*.

Essa crise estrutural da sociedade chinesa provocou diversas reflexões a respeito do papel do Estado, das leis e dos governantes. Também estimulou o nascimento de teorias filosóficas, como o *taoísmo* e o *confucionismo*.

Esta última – ainda hoje muito presente na China – foi elaborada por Kung Fou Tseu (551-479 a.C.) – *Confúcio*, entre os ocidentais –, que se dedicou a pensar como o Estado, os governantes e os indivíduos poderiam viver em uma sociedade harmônica e mais feliz.

O mausoléu de Ying Zheng

As informações de época descrevem Ying Zheng como uma pessoa intolerante, extremamente supersticiosa e que teria governado a China por meio do terror. Durante as guerras, determinava que seus soldados só recebessem pagamento caso mostrassem as cabeças decepadas dos inimigos. Após uma vitória sobre um Estado adversário, o imperador teria mandado decapitar 100 mil homens.

Preocupado com a morte, Ying Zheng reuniu magos e alquimistas para que estes encontrassem um elixir capaz de lhe garantir a eternidade. Por ironia, morreu aos 49 anos. Seu corpo foi sepultado em um gigantesco mausoléu, em torno do qual foram enterradas esculturas de mais de 6 mil *soldados** e cavalos em tamanho natural, feitas de terracota e equipadas com armas de bronze para proteger o imperador em sua vida após a morte. Esse acervo foi descoberto por acaso em 1974, quando trabalhadores cavavam um poço na região.

* Veja o documentário *Segredos dos exércitos imperiais chineses*, Discovery Channel, 2002.

XIAOYANG LIUCORBIS/ISTOCK



Guerreiros de terracota em tamanho natural enterrados em um grande mausoléu juntamente com o imperador Ying Zheng (221-210 a.C.).

Para Confúcio, uma sociedade amparada na ordem e na justiça só seria possível por meio da capacidade de amar, ser bondoso, praticar o bem, ter respeito e interesse para com os próximos. Os conceitos de Confúcio foram mesclados a diversas religiões e aspectos da vida chinesa ao longo dos séculos.

Em 221 a.C., depois de muitas batalhas, o reino de Qin anexou os territórios dos reinos adversários e unificou a China em um único Estado. Seu rei, Ying Zheng, pertencente à dinastia Qin, proclamou-se imperador (*Shi Huangdi*). Era o começo da fase imperial da história chinesa.

2 O primeiro imperador

Durante seu governo, Ying Zheng (221-210 a.C.) transformou a China em um império fortemente centralizado (veja o boxe *O mausoléu de Ying Zheng*). Padronizou o sistema de pesos e medidas e os diferentes tipos de escrita, criou um rígido conjunto de leis e construiu diversas estradas.

Para defender o território chinês de invasões, determinou que as muralhas que protegiam as cidades fossem interligadas. Mais de 1 milhão de trabalhadores foram mobilizados nessa tarefa, que resultou na construção dos 4 200 quilômetros da *Grande Muralha*, no norte da China.

Com a morte de Ying Zheng, o império entrou em crise. Em 206 a.C., um líder chamado Liu Bang venceu seus adversários e assumiu o governo. Era o início da dinastia Han.

Sob a dinastia Han (206 a.C.-220 d.C.)

Grande parte das medidas adotadas pela dinastia Han inspirava-se nas ideias de Confúcio, o que levou a China a um notável desenvolvimento econômico e cultural. A produção agrícola, por exemplo, teve um grande avanço devido à introdução de arados puxados por bois, à utilização de instrumentos de ferro e à construção de canais de irrigação.

O desenvolvimento agrícola e comercial permitiu que a China estabelecesse importantes laços comerciais com povos vizinhos e até mesmo com o Ocidente, por meio da *Rota da Seda*, como mostra o boxe na página seguinte.

A Rota da Seda

Desde sua origem, a China foi vítima de invasões de cavaleiros das estepes. Uma das principais ameaças eram os hunos. No século II a.C., tentando dialogar com eles, o imperador Wu-Ti, da dinastia Han, enviou um emissário de nome Chang-Ch'ien. Esse agente, entretanto, foi aprisionado pelos hunos, só conseguindo fugir dez anos depois.

Em sua viagem de retorno, passou pelo reino de Bactria (atual Afeganistão), onde obteve informações sobre costumes das civilizações do Ocidente – desconhecidas dos chineses – e das rotas comerciais utilizadas por esses povos.

Entretanto, o que despertou maior interesse no imperador Wu-Ti foi a informação da existência de grandes cavalos na região da Ásia Central. Interessado em usá-los contra os hunos, que dispunham somente de cavalos de pequeno porte, Wu-Ti determinou que, utilizando as rotas de Chang-Ch'ien, fossem organizadas expedições em busca desses animais.

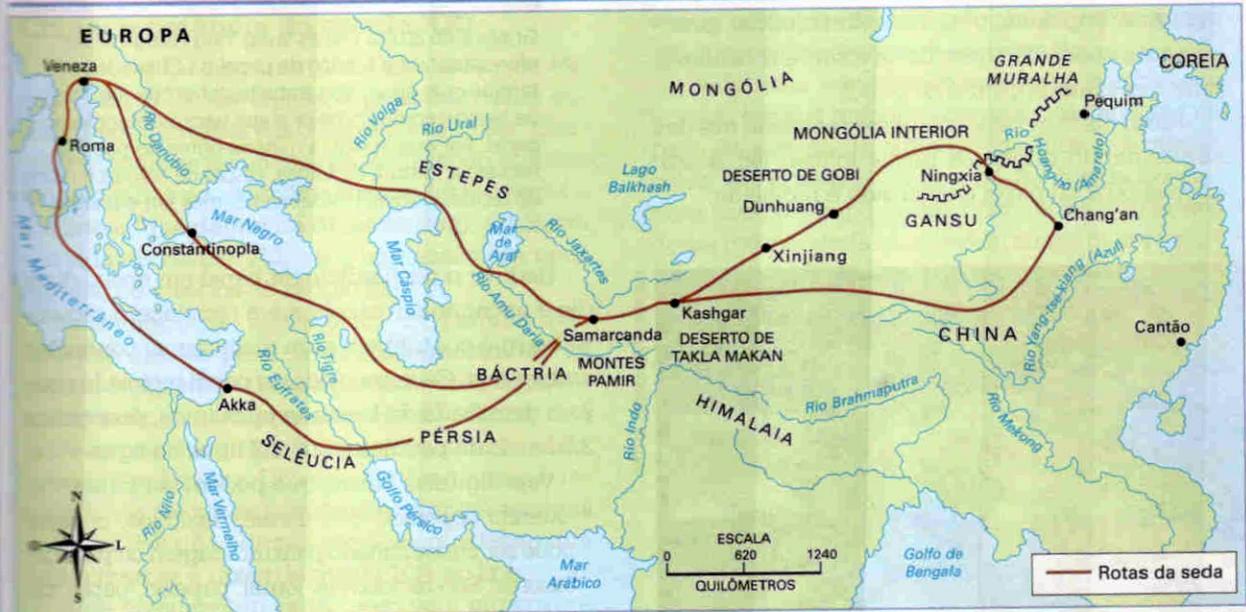
Não demorou muito e mercadores chineses e ocidentais começaram a se interessar também por

essas estradas, pois ao longo delas podiam comprar, vender ou trocar produtos como madeiras, joias, canela, sal, pimenta, gengibre, óleos, etc. Esse trajeto, de cerca de 7 mil quilômetros, era perigoso e poderia levar vários anos para ser percorrido: além da distância, os viajantes tinham que transpor geleiras e desertos, enfrentar tempestades de areia e os temíveis ladrões e saqueadores das estepes.

Esse conjunto de estradas ficou conhecido como *Rota da Seda*, uma vez que os mercadores utilizavam-se dele para levar a seda para o Ocidente, onde o produto era vendido a peso de ouro. A Rota da Seda desempenhou importante papel no intercâmbio de ideias, costumes e culturas entre civilizações diferentes. A partir do século X, a Rota da Seda entrou em declínio.

Fontes: VARGAS LLOSA, Mario. In: *Marco Polo, o mercador de Korcula*. <<http://www.estado.com.br/editorias/2002/08/25/cad045.html>>. Acesso em 31.3.03; BRETÃS, Vilma. O que foi a Rota da Seda? *Superinteressante*, set. 2000, p. 46; *A rota da seda: uma rota de comércio e de religiões*. <http://www.terraviva.pt/AguaAlto/1018/ROTA_SEDA.html>. Acesso em 31.3.03.

A ROTA DA SEDA



Fonte: Adaptado de *World history atlas – Mapping the human journey*. London: Dorling Kindersley, 2005.

Ao crescimento econômico ocorrido durante a dinastia Han seguiu-se a expansão territorial do império, com a conquista das regiões da Coreia e de Cantão (veja o mapa acima). Também foi sob essa dinastia que se consolidou muito do conhecimento científico dos chineses.

Utilizando como matéria-prima cascas de árvores e uma mistura de linho, trapos e redes, os chineses criaram uma técnica de fabricação de papel (veja na seção *Eu também posso participar*, na página seguinte, as origens do papel e a importância de sua reciclagem nos dias de hoje).



A invenção do papel

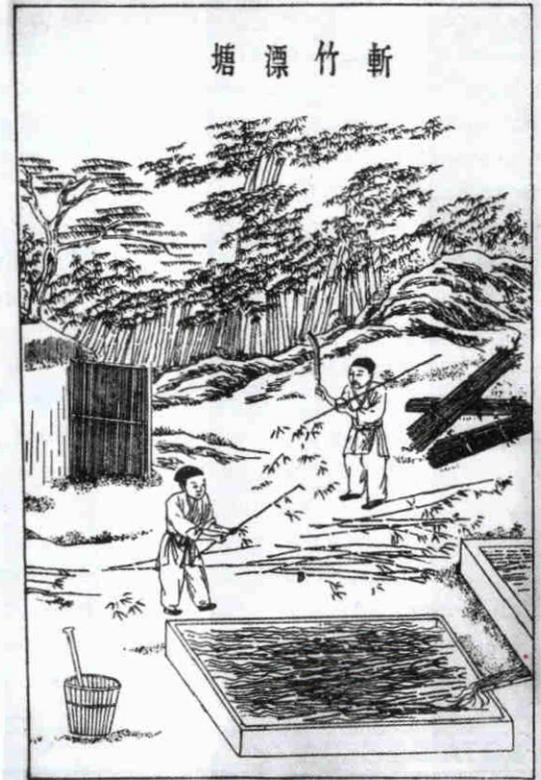
Durante muito tempo os seres humanos utilizaram os mais variados materiais como suporte para a escrita: pedras, placas de barro, conchas e, como vimos, até mesmo cascos de tartaruga.

Um dos primeiros materiais produzidos com essa finalidade foi o papiro, que os egípcios já utilizavam há cerca de 6 mil anos. Entretanto, foram os chineses os responsáveis pela invenção do papel, similar ao que conhecemos atualmente, há 2 mil anos, aproximadamente.

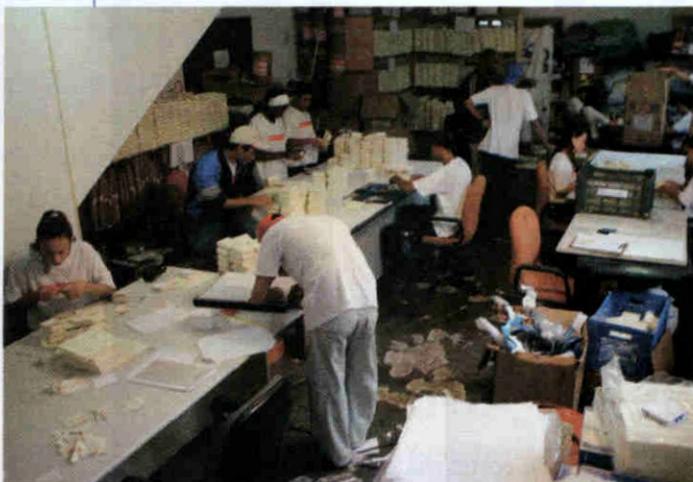
A técnica criada pelos chineses consistia em sobrepor diversos materiais, como folhas, cascas de árvores e restos de tecidos em uma tina de água. Esse material era prensado e dava origem às folhas de papel. Os chineses monopolizaram a produção de papel por cerca de seiscentos anos. Posteriormente, a técnica foi difundida na Europa por comerciantes árabes.

Hoje, a presença do papel em nosso dia a dia é tão marcante que é praticamente impossível viver sem ele. As tecnologias desenvolvidas pela indústria papelreira permitem transformar praticamente todos os tipos de árvores em celulose, principal matéria-prima do papel.

Além disso, o papel pode ser reciclado até dez vezes, dando origem a novas folhas. No Brasil, apenas 50% do papel descartado é reciclado.



Gravura do artista chinês Sung Ying Hsing (1634) representando o fabrico de papel na China. Num tanque com água, dois trabalhadores "sovam" tiras de bambu como primeira etapa para a obtenção do papel. Por essa época, a matéria-prima do papel já não era a mistura de folhas, cascas de árvores e restos de tecidos utilizada inicialmente, mas sim o bambu.



LALO DE ALMEIDA/FOLHA IMAGEM

Montagem de produtos de papel reciclado no projeto Reciclar, em São Paulo. Esse projeto conta com a participação de jovens entre 16 e 19 anos moradores da favela Jaguaré, em São Paulo.

Reduzir o desperdício de papel em nosso dia a dia e encaminhar papel para a reciclagem são atitudes que contribuem para melhorar as condições ambientais. Cada tonelada de papel reciclado poupa a derrubada de sessenta eucaliptos, economiza 2,5 barris de petróleo e 300 mil litros de água.

Veja algumas coisas que podem ser feitas.

- Quando separado dos demais resíduos, o papel pode ser encaminhado para reciclagem ou para catadores. São recicláveis: jornal, papelão, papel impresso, fotocópias, revistas, embalagens de papel, embalagem longa vida, papéis brancos e mistos.
- Imprimir e copiar somente o necessário ajuda a diminuir o consumo de papel.
- Sacolas, envelopes, embrulhos e embalagens de papel podem ser reaproveitados.
- O verso de papéis já utilizados pode servir de rascunho.



Esta pintura do álbum *Gengzhidu* representa uma família chinesa agradecendo a boa colheita diante de um altar familiar. As relações familiares foram fortalecidas com sucessivos códigos de leis estabelecidos a partir da dinastia Han.

Na área da medicina, os chineses fizeram experiências de dissecação de cadáveres e de cirurgias com anestésias. Difundiram-se ainda o uso de ervas e a prática da acupuntura para o tratamento de doenças.

Já os técnicos e artesãos chineses criaram durante a dinastia Han um instrumento que detectava a direção dos ventos, além do sismógrafo, aparelho que mede tremores de terra – um similar europeu seria criado somente no século XVIII.

Os cientistas chineses desenvolveram também avançados conceitos matemáticos, como as quatro operações com números fracionais e o cálculo com números positivos e negativos. Artesãos chineses inventaram, ainda, a bússola, a pólvora e os relógios de sol e de água (veja a seção *Passado presente*, a seguir).

Após o fim da dinastia Han, no século III d.C., a China viveu períodos de unificação e fragmentação do poder imperial, sofrendo ataques de povos como os tibetanos e os turcos. No século XIII, o território chinês foi ocupado pelo exército de Gengis Khan, líder mongol. Valorizando seu passado e bastante fechada às influências externas, a China só passou a ter contato mais regular com o Ocidente a partir do século XIII, graças principalmente à ação de mercadores, como o veneziano Marco Polo.



Passado presente

China: a potência do século XXI

Na festa de abertura das Olimpíadas de Pequim, em 2008, os chineses prestaram uma homenagem à história e à cultura de seu país. Quatro importantes invenções da civilização chinesa foram citadas na cerimônia de abertura: o papel e a bússola (que datam da dinastia Han), a pólvora – criada no século VIII – e a impressão em tipos móveis, de meados do século XI.

Entretanto, as Olimpíadas de Pequim não serviram apenas para os chineses mostrarem ao mundo o esplendor de seu passado, mas também a dimensão de seu presente. Hoje, a China está entre as três maiores economias do mundo, atrás apenas dos Estados Unidos e do Japão. Isso é resultado de reformas econômicas implementadas ao longo das três últimas décadas, que levaram o país a crescer a taxas de quase 10% ao ano.

Esse crescimento vertiginoso vem promovendo uma rápida expansão urbano-industrial cujos reflexos são observados em vários setores da economia chinesa. A China é atualmente o segundo maior consumidor mundial de petróleo, absorve um terço de todo o aço produzido no mundo e utiliza cerca da metade de todo o cimento consumido mundialmente. Além disso, é uma das principais nações exportadoras. Entre os artigos que

vende estão desde mercadorias de baixo preço até artigos eletrônicos de alta tecnologia.

Toda essa expansão econômica, porém, não acabou com os grandes contrastes observados no país. As diferenças entre a zona rural e a urbana ainda são grandes. Quase 60% da população chinesa vive no campo, onde os benefícios resultantes dessa prosperidade só se fazem sentir muito lentamente. Enquanto no campo o salário médio dos trabalhadores está por volta de 600 dólares anuais, nas cidades esse valor chega a mais de 1900 dólares.

Em busca de uma vida melhor, cerca de 150 milhões de camponeses migraram nas últimas décadas da zona rural para as cidades, onde acabaram se transformando em mão de obra barata para as indústrias, recebendo salários mensais que variam de 50 a 100 dólares. Muitos, sem emprego, mendigam pelos grandes centros urbanos.

Se entre 1979 e 2002 o crescimento chinês serviu para retirar 400 milhões de pessoas da pobreza, ainda hoje o número de chineses que vive com menos de 1 dólar por dia é alto: cerca de 90 milhões de pessoas.

A rápida expansão também vem produzindo grandes *impactos ambientais**. Das vinte cidades mais poluídas do mundo, dezesseis estão

* Veja o filme *Em busca da vida*, de Jia Zhang-Ke, 2006.

na China. Hoje, 300 milhões de chineses bebem água contaminada todos os dias. Anualmente, cerca de 190 milhões são acometidos de doenças decorrentes dessa contaminação.

Outro problema é a falta de liberdade de expressão. Os jornais têm sua produção controlada pelo governo, e os servidores utilizados para navegar na internet são obrigados a instalar filtros que impedem o acesso dos internautas a sites proibidos pelo regime chinês. Além disso, a Justiça chinesa é responsável por mais de 80% das condenações à pena de morte hoje no mundo.

Fontes: TREVISAN, Cláudia. *China: o renascimento do Império*. São Paulo: Planeta, 2006. AQUINO, Ruth e FREDERIC, Jean. *China, a nova superpotência*. *Época*, 23.6.2008.

FRITZ HOFFMANN/CORBISLATINSTOCK



O outro lado de Xangai: mulher idosa sem-teto dorme em frente a restaurante de grande cadeia de lanchonetes. O rápido crescimento econômico da China vem acentuando as desigualdades sociais entre ricos e pobres. Xangai, China, agosto de 2003.



Enquanto isso...

O Japão antigo

Na mesma época em que a China se transformava em império (século III a.C.), o Japão começava a ingressar em seu primeiro grande período de desenvolvimento: a chamada *Era Yayoi* (300 a.C. a 300 d.C.). Formado por quatro ilhas principais e mais de 4 mil ilhotas, o Japão foi ocupado há cerca de 30 mil anos por povos caçadores e coletores originários das atuais Sibéria e Coreia. Por volta de 10000 a.C., essa civilização aprendeu a fazer objetos de barro, utilizados para cozinhar e guardar alimentos. Mas foi somente a partir do período Yayoi

que os japoneses, influenciados pelos chineses, aprenderam a cultivar e irrigar o arroz, a fabricar objetos de bronze e de ferro, a tecer e a utilizar a **escrita ideográfica**.

Diálogos

Com a ajuda do(a) professor(a) de Língua Portuguesa, procure entender as diferenças entre a escrita ideográfica e a escrita fonética. Você pode também consultar dicionários, enciclopédias e o *Glossário* no fim do livro. Anote as características de cada escrita e elabore exemplos para montar um painel e expor à classe.

ORGANIZANDO AS IDEIAS

1. O atual território chinês começou a ser ocupado há mais de 30 mil anos. Descreva, em linhas gerais, como se desenvolveram as primeiras aglomerações até o momento de centralização do Estado e o surgimento da dinastia Xia.
2. A dinastia Shang derrotou os Xia no século XVIII a.C. e seus representantes permaneceram no poder durante sete séculos, quando foram derrubados pelos Zhou, em 1027 a.C. Quais as principais características da dinastia Shang?
3. O que foi o *Período dos Reinos Combatentes* e qual foi seu desfecho?
4. Nascida de longos e sangrentos confrontos com outros reinos, a dinastia de Ying Zheng, primeiro imperador chinês, precisou garantir a unificação do território e do Estado. Que medidas Ying Zheng tomou para construir e manter o império chinês?
5. Quais as características mais importantes da dinastia Han?

6. As ideias do filósofo chinês Confúcio influenciaram a sociedade chinesa, especialmente durante a dinastia Han. Para ele, como a sociedade poderia viver em harmonia?
7. Durante séculos, não houve contato entre a China e os povos ocidentais. As longas distâncias, as dificuldades de transporte e comunicação e as diferenças linguísticas devem ter contribuído

para manter esses dois mundos separados. O que foi a Rota da Seda e por que ela foi importante para aproximar a China e o Ocidente?

8. Ao longo deste capítulo, fizemos algumas referências aos conhecimentos culturais e científicos da civilização chinesa. Escreva um texto recuperando as principais heranças deixadas pelos chineses para a história da humanidade.

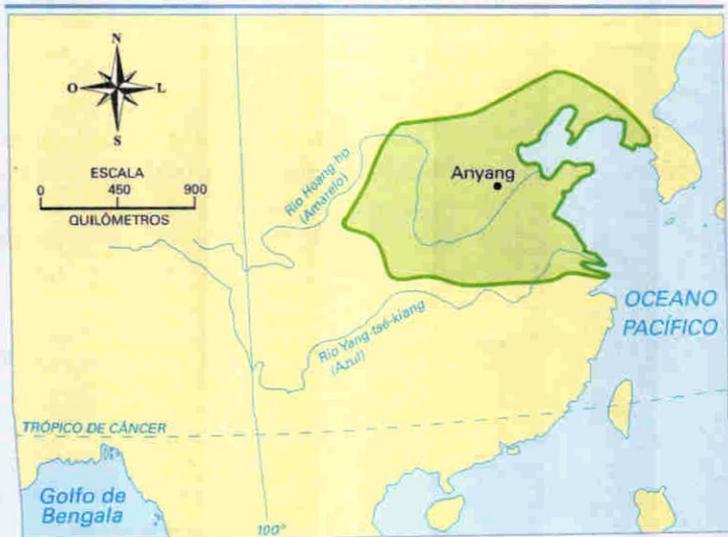
INTERPRETANDO DOCUMENTOS

Observe os três mapas a seguir, com a extensão territorial de três dinastias chinesas da Antiguidade, e responda às questões.

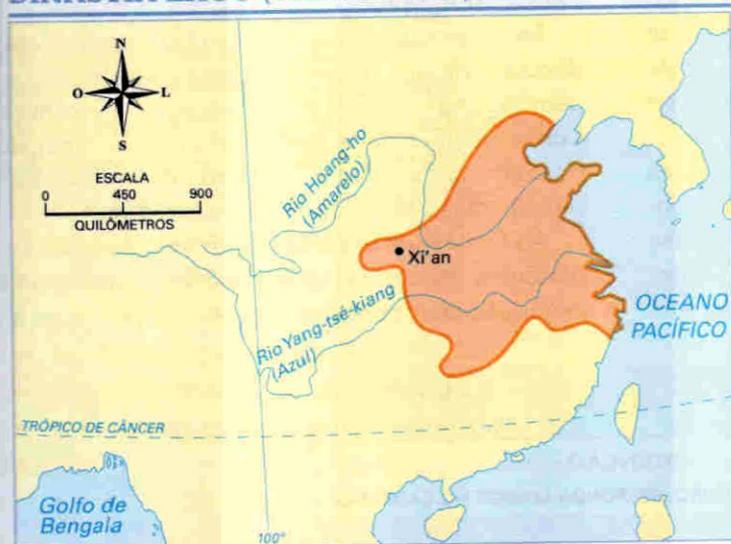
CHINA ATUAL



DINASTIA SHANG (1766-1122 a.C.)



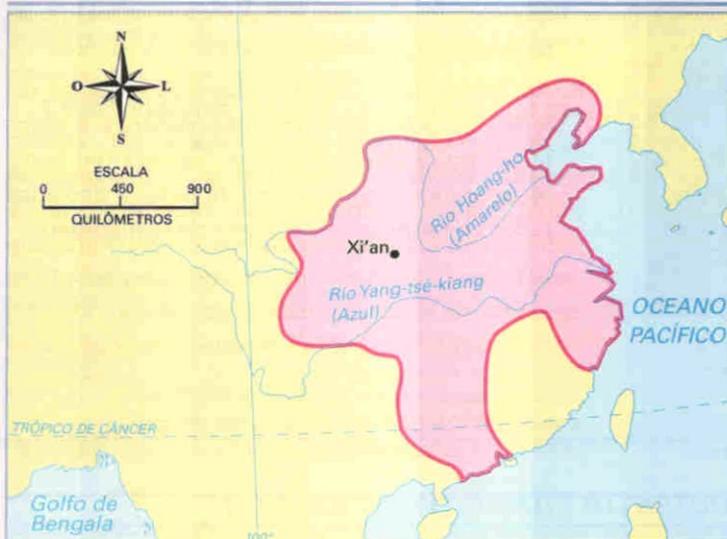
DINASTIA ZHOU (1122-221 a.C.)



CHINA ATUAL



DINASTIA QIN (221 a.C.-206 a.C.)



CHINA ATUAL



Fonte: *Grand atlas historique*. Paris: Larousse, 2006.

1. Faça um exercício comparativo entre os três mapas e identifique os domínios territoriais em ordem crescente de cada dinastia (do menor domínio territorial para o maior).
2. Em comparação com o atual território chinês, os das dinastias antigas eram bem menores. Entretanto, podemos afirmar que aquelas dinastias foram reinos e impérios importantes na Antiguidade? Explique por quê.

HORA DE REFLETIR

A Muralha da China foi construída para proteger o território chinês dos ataques e invasões de povos inimigos. Hoje, as cidades brasileiras também se veem "invadidas" pela violência, pela desigualdade social, pelo déficit de moradias, pela falta de vagas nas escolas e por outros problemas urbanos.

Um dos projetos para resolver alguns desses problemas propõe transformar os centros urbanos em "cidades educadoras". Segundo essa proposta, os locais públicos das cidades – praças, ruas, *shopping centers*, praias, favelas, etc.

– seriam transformados em espaços educativos para a população.

Em grupos, e sob a orientação do(a) professor(a), discutam de que maneira os espaços públicos podem ser transformados em espaços educativos. Como a comunidade pode participar no processo de melhoria da cidade? Vocês conhecem trabalhos semelhantes desenvolvidos em sua cidade?

Ao final da reflexão, apontem três questões importantes discutidas pelo grupo e preparem uma exposição oral sobre elas.

ATENÇÃO:

NÃO ESCREVA NO LIVRO. RESPONDA SEMPRE NO CADERNO.

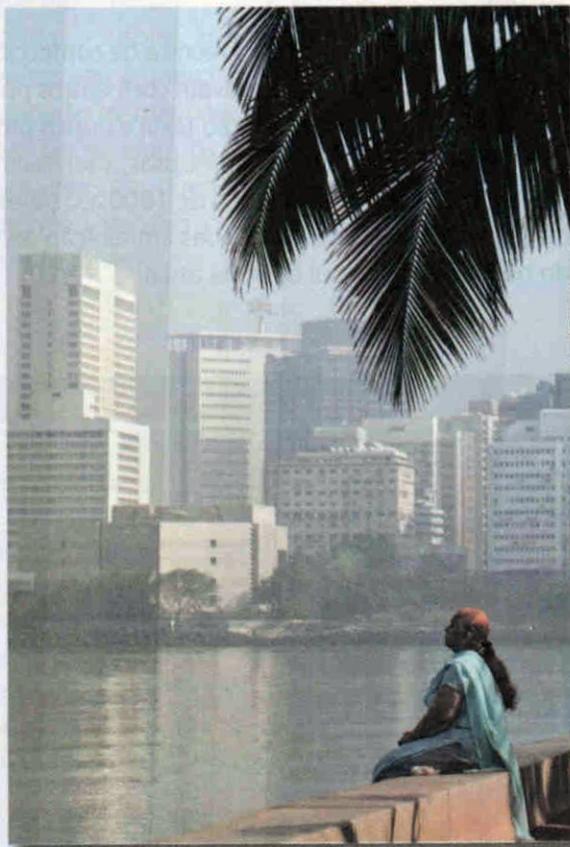
As civilizações da Índia

TRAVEL INK / GETTY IMAGES

Com uma população de quase 1,2 bilhão de pessoas, a Índia só perde para a China em número de habitantes. É também um país de grandes contrastes: por um lado, conta com um dos principais polos tecnológicos do mundo; por outro, cerca de 40% dos pobres do planeta estão em seu território. Ao mesmo tempo, de todos os países do mundo, é na Índia que está o maior número de pessoas contaminadas pelo vírus da Aids.

Muito diversificada do ponto de vista religioso, a população indiana abrange hinduístas, muçulmanos, siques, cristãos, budistas, zoroastrianistas, judeus e animistas. O hindu e o inglês são os idiomas oficiais, mas falam-se ali outras vinte línguas e mais de 1 600 dialetos, reflexo dos diversos povos que, ao longo dos séculos, se instalaram em seu território.

Neste capítulo, conheceremos mais sobre a Índia antiga, berço de uma civilização milenar cuja influência sobre os demais povos da Ásia foi tão grande que costuma ser comparada à importância dos gregos para o mundo ocidental.



JON HICKS/CORBIS/LATINSTOCK

Vista da cidade de Mumbai (antiga Bombaim), capital do maior estado indiano, Maharashtra, em foto de 2007.

1 A primeira civilização da Índia

Por volta do terceiro milênio a.C., um povo que habitava o noroeste do continente indiano começou a erguer cidades ao longo do rio Indo (onde hoje se localiza o Paquistão; veja o mapa). Eram núcleos urbanos bem estruturados, como Mohenjo-Daro, edificado segundo um cuidadoso traçado que privilegiava as largas avenidas.

Para enfrentar as cheias anuais do Indo, decorrentes do degelo do Himalaia na primavera e no verão, essas cidades eram construídas sobre plataformas de terra batida de até 12 metros de altura. Seus habitantes eram os *dravidianos*, cujas casas de tijolos de barro cozido contavam com eficientes sistemas de água e esgoto.

Os dravidianos criaram a técnica de confeccionar roupas de algodão e comerciavam com outros povos, vendendo parte dessa produção têxtil e outros produtos, como joias, pedras semipreciosas, utensílios domésticos, brinquedos. Por volta de 1800 a.C., eles começaram a abandonar as cidades em direção ao vale do rio Ganges e ao sul da Índia atual.

2 A chegada dos arianos

As razões para esse deslocamento são desconhecidas, mas alguns estudiosos apontam como causa a invasão do vale do Indo pelos arianos, povo nômade da Ásia Central que subjuguou os dravidianos e passou a dominar a região.

Ariano é a forma genérica pela qual são chamadas as pessoas de pele clara originárias de algumas das cerca de cinquenta tribos nômades que habitavam a região do Cáucaso – área que abrange parte dos territórios atuais de Rússia, Geórgia, Azerbaijão e Armênia. Por volta do segundo milênio a.C., alguns desses grupos – também conhecidos como *indo-europeus* – saíram do planalto Iraniano e se instalaram no vale do rio Indo. Mais tarde, avançaram em direção ao vale do Ganges.

Depois da invasão, os *árias* – como se autodenominavam – passaram a viver como sedentários e incorporaram muitas palavras das línguas dravidianas a seu idioma, o sânscrito.

* Veja o filme *O Mahabharata*, de Peter Brook, 1990.

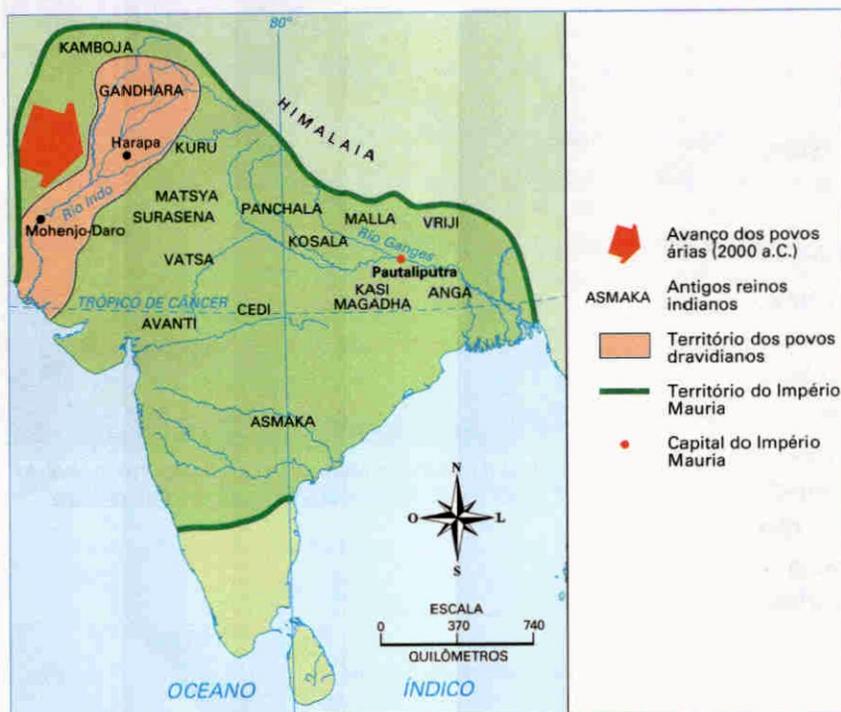
As *crenças religiosas** também se misturaram, dando origem ao *hinduísmo*, conjunto de doutrinas e práticas religiosas que passou a reger praticamente todos os aspectos da vida cotidiana e da organização social dessa população. Muitas dessas crenças persistem até hoje na Índia (veja a seção *No mundo das letras*, na p. 69).

Os fundamentos do hinduísmo estão registrados no *Rig Veda*, ou “livros do conhecimento”, coletânea de 1028 hinos que acabaria por denominar todo o período em que a Índia antiga esteve sob o domínio dos árias: *época védica*.

Uma sociedade de castas

Inicialmente, os árias organizavam-se em comunidades subordinadas a um chefe, o *rajá*, e a um sacerdote, o *purohita*. Havia ainda o conselho dos anciãos e o dos

ORIGEM E EXPANSÃO DA ÍNDIA



Fonte: Adaptado de *World history atlas – Mapping the human journey*. London: Dorling Kindersley, 2005.



Escultura representando Brahma, um dos deuses da trindade da religião hinduísta (os outros são Shiva e Vishnu). Brahma é habitualmente representado com quatro faces. Na escultura da foto podem ser vistas três delas. Tamil Nadu, Índia, agosto de 1992.

chefes de família. Os sacerdotes criaram complexos rituais religiosos que originaram uma nova corrente dentro do hinduísmo, o *bramanismo*. Afirmado conversar com os deuses, os sacerdotes conquistaram enorme poder junto à população e perante o próprio rajá.

Eles criaram diversos preceitos que passaram a ser adotados por grande parte da sociedade hindu, como a ideia de reencarnações sucessivas e a instauração de um rígido sistema de castas.

Castas são grupos sociais fechados, compostos de pessoas que exercem a mesma profissão. Nesse sistema não se pode passar de uma casta para outra. As castas consideradas mais importantes eram formadas pelos árias. Os sacerdotes encontravam-se no topo da hierarquia social, na casta dos *brâmanes*. A seguir, vinham sucessivamente os *xátrias* – nobres, guerreiros e administradores –, os *vaixás*, ou comerciantes, e os *sudras*, artesãos e trabalhadores manuais não ários. Os últimos da escala social eram os *párias*, pessoas excluídas da sociedade, sem direito de estudar, ouvir os hinos védicos e viver nas cidades (veja a seção *Passado presente*, a seguir).



Passado presente

Contradições indianas

A *tradição e a modernidade** convivem lado a lado na Índia. Ainda hoje, a população encontra-se dividida em mais de 3 mil castas e 27 mil subcastas. Embora a Constituição indiana proíba a discriminação, as pessoas das castas mais baixas são vítimas de preconceitos. Além de enfrentar dificuldades para obter bons empregos, são impedidas de se casar com pessoas de castas superiores.

O governo indiano mantém um sistema de cotas assegurando às pessoas das castas mais baixas acesso às universidades e ao serviço público. Também oferece uma recompensa para as pessoas que se casam com indivíduos de castas inferiores.

Apesar disso, as pessoas das castas mais baixas recebem salários inferiores em comparação

* Veja o filme *Quem quer ser um milionário*, de Danny Boyle e Loveleen Tandan, 2008.

com os trabalhadores oriundos de castas mais altas, e é muito comum encontrar nos jornais indianos anúncios matrimoniais nos quais os pretendentes ao *casamento** informam qual a sua casta e indicam a casta a que deve pertencer o futuro cônjuge.

* Veja o filme *Um casamento à indiana*, de Mira Nair, 2001.

Outra antiga tradição que perdura na Índia é o pagamento de um dote ao noivo por parte da família da noiva por ocasião do casamento. Embora seja proibido por lei desde 1961, o dote continua sendo praticado no país e isso vem acarretando graves problemas. Existem diversos casos de mulheres assassinadas por maridos insatisfeitos com o valor recebido. Além disso, é alto o índice de assassinato de bebês do sexo feminino praticado por pais que não querem se ver obrigados a pagar um dote ao futuro genro.



CHRISTOPHER ANDERSON/MAGNUM PHOTOS/ATINSTOCK

Diante de seus computadores, jovens indianos trabalham em um *call center* (central de atendimento telefônico), em Bangalore, na Índia. Bangalore é atualmente um dos grandes polos de desenvolvimento tecnológico da Índia. Esse desenvolvimento contrasta com a miséria em que vivem cerca de 340 milhões de indianos.

Se essas tradições fazem parte do dia a dia dos indianos, o convívio com a modernidade também não lhes é estranho. Como resultado de uma série de mudanças econômicas postas em prática no início da década de 1990, a economia indiana cresce a índices superiores a 8% ao ano, e isso produz grandes reflexos na sociedade.

A Índia tem investido fortemente na qualificação de sua mão de obra. Hoje, há no país diversas instituições educacionais de alto nível (todos os anos, 2,5 milhões de bacharéis se formam nas faculdades indianas) e conta com uma força de trabalho altamente especializada. Por tudo isso, é apontado por muitos analistas como precursor da tecnologia que impulsionará a próxima fase da economia global.

A cidade de Bangalore, por exemplo, é considerada um dos principais polos tecnológicos do mundo. Lá se encontram a indústria aeroespacial e empresas

de *software* e de telecomunicações, entre outras. Mais de 90% do faturamento das grandes empresas de tecnologia da Índia vêm de exportações. Além disso, o país também se destaca por contar com grandes indústrias farmacêuticas (mais de um terço dos medicamentos genéricos do mundo vêm da Índia) e de biotecnologia.

Apesar desse crescimento, a sociedade indiana enfrenta *grandes problemas** ainda não solucionados. Cerca de 340 milhões de pessoas (28% da população) vivem abaixo da linha de pobreza. De cada dez indianos, quatro são analfabetos. A grande maioria da população (72%) vive no campo, onde os problemas de falta de infraestrutura são grandes: a rede de esgoto é insuficiente, o fornecimento de energia elétrica é bastante falho e a água potável não chega para todos.

* Veja o documentário *Nascido de bordéis*, de Zana Briski e Ross Kauffman, 2004.

Um dos principais problemas dos agricultores é o endividamento. Em 2006, o governo admitiu que mais de 111 mil camponeses se suicidaram entre 1993 e 2003 por não terem condições de quitar as dívidas contraídas para a manutenção de suas pequenas propriedades rurais.

Fontes: KAMDAR, Mira. *Planeta Índia, a ascensão turbulenta de uma nova potência*. Rio de Janeiro: Agir, 2008; MELLO, Patrícia Campos. *Índia: da miséria à potência*. São Paulo: Planeta, 2008. TREVISAN, Cláudia. Sistema de castas poda avanços na Índia. *Folha de S.Paulo*, 24.9.06.

EPACORRIBS/ATINSTOCK



Camponês indiano trabalha em sua plantação de arroz após as chuvas. Cerca de 72% da população indiana vive no campo, onde as condições de vida são ainda muito precárias.

Entre os séculos VII e VI a.C., já no final da época védica, governantes, comerciantes e mesmo a população pobre passaram a questionar os privilégios de que os sacerdotes desfrutavam. Como resultado desse movimento, surgiram duas correntes reformistas no hinduísmo: o *budismo* e o *jainismo*.

De modo geral, tanto o *budismo** como o *jainismo* afirmavam que cabia ao ser humano realizar seu próprio destino, sem necessidade da adoração de deuses, como pregavam os brâmanes. Também condenavam o sistema de castas e os privilégios dos brâmanes. Com suas doutrinas, conquistaram um grande número de seguidores, o que contribuiu para o enfraquecimento dos sacerdotes védicos.

* Leia a coleção *Buda, mangá* (revista de história em quadrinhos japonesa) de Osamu Tezuka, Editora Conrad, editada em 14 volumes.

3 Do Império Mauria ao Império Gupta

Ao mesmo tempo que enfrentava mudanças religiosas, a Índia passava também por transformações na esfera política. Em 521 a.C., tropas do imperador persa Dario (veja o capítulo 9) conquistaram a região do vale do rio Indo. Em 326 a.C., a região passou para o poder dos macedônios de Alexandre, o Grande (veja o capítulo 13).

Em 321 a.C., Chandragupta Maurya, um guerreiro da casta dos xátrias, após derrotar os macedônios, fundou o *Império Mauria*, cujos domínios se estendiam do vale do rio Indo ao vale do Ganges, cobrindo uma área de mais de 2 mil km².

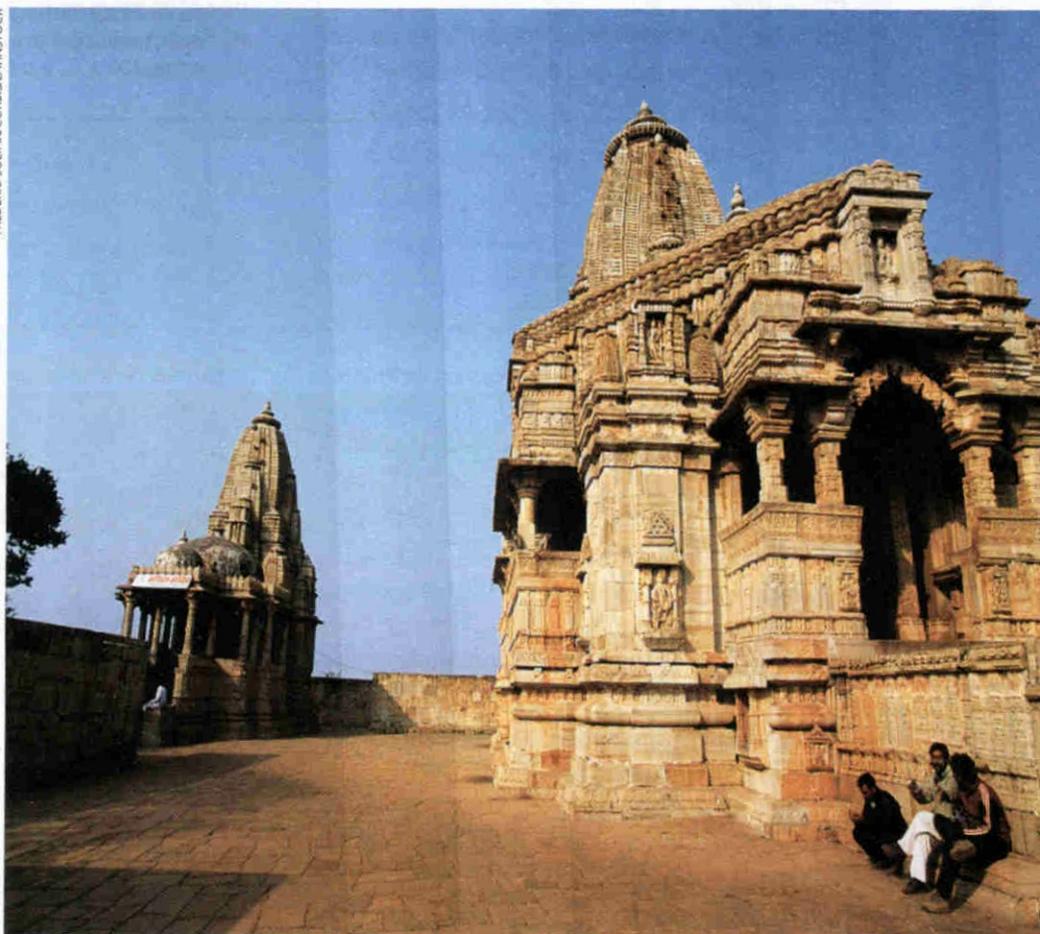
Entretanto, seria com Ashoka, neto de Chandragupta, que o *Império Mauria* viveria seu apo-

geu. Ashoka assumiu o poder em 269 a.C. e se tornou o maior governante da Índia antiga. Ele mandou construir hospitais, clínicas veterinárias, estradas, e estabeleceu relações comerciais com outras civilizações. A arte e a tecnologia floresceram, e a Índia entrou em um período de paz e tranquilidade que perdurou até 232 a.C., ano em que Ashoka morreu.

A partir de então, o *Império Mauria*, que compreendia quase todo o território da Índia atual, fragmentou-se até entrar em colapso, em 184 a.C. A cultura hindu só voltou a recuperar seu espaço no século IV, com o *Império Gupta* (cerca de 320-550), estabelecido no vale do rio Ganges.

Em 711, os árabes conquistaram a região do Sind, no delta do Indo, e levaram o islamismo para a Índia. Muitos indianos viram na nova religião uma oportunidade de escapar do rígido sistema de castas. No século XVIII, os ingleses assumiram o controle político do país, que só recuperou sua independência em 1947.

FRÉDÉRIC SOLTAN/CORBIS/ATN/STOCK



Templo de Khumbha Shyam no interior do forte Chittaugarh, construído no século VII, sob a dinastia Mauria.



Os chavín e a agricultura

Enquanto os dravidianos se estabeleciam às margens dos rios Indo e Ganges, na América do Sul um povo começava a abandonar seus hábitos nômades e se instalava na região onde hoje é o Peru. Eram os chavín. Um dos primeiros povos a praticar uma agricultura sedentária na América do Sul, eles desenvolveram uma variada produção artística. As esculturas chavín retratam guerreiros com suas vítimas decapitadas, cenas de sacrifícios, ou ainda animais ferozes. Seus artesãos também trabalhavam com couro e tecidos e fabricavam joias e outros objetos de cobre, ouro e prata.

Seu centro religioso, Chavín de Huántar, era dotado de uma grande praça e um templo. Entre 700 a.C. e o início da Era Cristã, os chavín controlaram a costa central do atual Peru e as montanhas adjacentes, dominando os diversos povos que ali viviam. Apesar de seu colapso, os chavín deixaram muitas marcas nas civilizações andinas que surgiram depois.

WERNER FORSMAN ARCHIVEDALLAS
MUSEUM OF ART/IMAGEFLUX



Tigela de cerâmica em forma de animal proveniente da civilização Chavín, que ocupou áreas da região mais tarde conhecida como Peru e que floresceu entre 700 a.C. e o início da Era Cristã.

ORGANIZANDO AS IDEIAS

1. Na origem da sociedade indiana, os primeiros centros urbanos, como a cidade de Mohenjo-Daro, surgiram em torno do rio Indo, na região hoje conhecida como Paquistão. Descreva como eram essas cidades e seu povo, os dravidianos.
2. Os arianos ou indo-europeus dominaram a região do rio Indo e, segundo estudiosos, provocaram a migração dos dravidianos para o vale do rio Ganges e para o sul da Índia atual. Quais eram as características fundamentais dos povos arianos?
3. A Índia é habitada atualmente por diversos povos que professam religiões distintas. Uma das mais antigas é o hinduísmo. Explique o que é o hinduísmo e como ele se originou.
4. O bramanismo é uma corrente religiosa que se formou no interior do hinduísmo há milhares de anos. Elabore um texto sobre a importância dos sacerdotes brâmanes na sociedade védica.
5. A divisão social em castas foi um dos aspectos fundamentais do bramanismo. Explique como se organizava essa divisão da sociedade.
6. Os fundamentos do bramanismo foram questionados entre diversos setores sociais durante os séculos VIII e VII a.C. Desses movimentos de contestação surgiram duas correntes religiosas distintas, o budismo e o jainismo. Qual era o aspecto fundamental que diferenciava essas novas religiões do bramanismo?
7. Depois de séculos de ocupação do território indiano pelos persas e pelos macedônios, o guerreiro Chandragupta Maurya restabeleceu, em 321 a.C., um governo de origem védica. Em linhas gerais, defina o que foi o Império Mauria.

A história de Ganesha

O *Mahabharata* (que significa “a grande história da humanidade”) é um dos maiores poemas épicos indianos. Suas primeiras histórias foram escritas nos séculos V e IV a.C. A obra contém mitos, narrativas, lendas e relatos que contam, na perspectiva indiana, a origem e os primórdios da humanidade. O trecho a seguir narra o surgimento de um dos mais importantes deuses do panteão hindu: Ganesha. Para os seguidores do hinduísmo, Ganesha é o deus da sabedoria. Após ler o excerto, responda ao que se pede.

Embora mais de quarenta séculos tenham decorrido desde estes acontecimentos, conta-se também que o homem havia encontrado antes um menino. Esse menino, que seguia os pássaros na campina, debruçara-se à beira de um lago para matar a sede.

Ao erguer-se, percebeu o homem que o olhava. Face a face, os dois ficaram um momento sem falar. O menino não teve medo algum. Nem tentou fugir.

– Sabes escrever?

– Não, disse o menino. Por quê? (...)

Parando de sorrir, ele disse ao menino:

– Compus um grande poema. Está todo composto, porém nada foi escrito. Preciso de alguém para escrever o que sei.

– Como te chamas?

– Vyasa.

– De que fala o teu poema?

– Fala de ti. (...)

O menino admirou-se com o que o homem acabara de dizer.

– Teu poema fala de mim?

Eis a resposta, incontestável, de Vyasa:

– Sim. Ele conta a história da tua raça, como os teus antepassados nasceram e cresceram; como se desenrolou uma guerra muito vasta. É o grande poema do mundo. (...)

Logo que o homem acabou de pronunciar essas palavras tão ambiciosas, ouviu-se uma música. O homem e o menino voltaram-se e viram Ganesha, que se aproximava deles. Caminhava pesadamente, porém com graça. Seu rosto de elefante sorria por trás da tromba. Trazia um grosso livro sob o braço.

– Quem é? – perguntou o menino.

– É Ganesha – respondeu Vyasa.

– O próprio Ganesha?

O deus com cabeça de elefante respondeu com uma voz sincera e doce:

– Em pessoa. Não me reconheces?



Detalhe de pintura indiana representando o deus hinduísta Ganesha com sua cabeça de elefante. Bangalore, Índia, janeiro de 2007.

Impossível não reconhecê-lo. Era visto em toda parte, em todos os templos, em todos os lugares sagrados. Ganesha, criado por seus próprios meios por Parvati, esposa do deus Xiva, era, ao nascer, um soberbo menino. Sua mãe pediu-lhe para tomar conta da porta de sua casa e não deixar entrar ninguém, pois desejava tomar um banho, então Xiva chegou, ignorando a presença do menino. Quis entrar em sua casa. Ganesha barrou-lhe a passagem:

– Minha mãe disse para não deixar ninguém entrar, ninguém entrará!

Furioso, Xiva convocou suas ferozes tropas ordenando-lhes que desalojassem aquele menino obstinado. Porém Ganesha resistiu; e repeliu-as, dispersando-as, e as esmagou. Possuía uma força sobrenatural. Mesmo as hordas de demônios não conseguiram forçar a passagem, pois o menino defendia sua mãe.

Xiva só conseguiu vencê-lo pela astúcia. Arrastou-se por trás e, de repente, cortou-lhe a cabeça, que atirou longe. Então Parvati, encontrando o filho decapitado, ficou furiosa e ameaçou destruir todas as forças do céu.

Xiva sabia que a sua cólera era tão grande e tão justa que lhe dava o poder de suprimir os deuses. Rápido, para acalmá-la, ordenou que se fixasse no menino a cabeça da primeira criatura encontrada pelo caminho. Era um elefante. Assim nasceu o deus dos escritores, dos músicos, por vezes até dos ladrões. Ganesha, guloso, irônico e terno, aquele que acalma as contendas.

O Mahabharata. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994. p. 17-9.

1. O Mahabharata pode ser considerado um grande aglutinador da cosmologia indiana, uma vez que nele se encontram diversas narrativas sobre as origens dos deuses, da terra e do ser humano. Em sua opinião, esse tipo de narrativa mitológica pode ser utilizado como fonte histórica pelos historiadores?
2. A Índia mantém ainda hoje muitos costumes e tradições que permaneceram vivos ao longo dos séculos. Baseado nas informações deste capítulo e no seu conhecimento sobre a Índia, aponte aspectos atuais da vida indiana que representem a coexistência da tradição com a modernidade no país.

HORA DE REFLETIR

Como vimos, os dravidianos construíram cidades bem organizadas que contavam com eficientes sistemas de água e esgoto. Hoje, no Brasil, os serviços de água e esgoto estão majoritariamente a cargo do poder público. Entretanto, é grande o número de brasileiros que não

tem acesso a esses serviços. Cerca de 15% da população não recebe água tratada e quase metade dos brasileiros não tem acesso ao sistema de esgotos. Reflita e compare: do ponto de vista político e social, como se explica essa situação no Brasil atual?

ATENÇÃO:

NÃO ESCREVA NO LIVRO. RESPONDA SEMPRE NO CADERNO.